



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E**

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

RAMIFICAÇÃO: REPRESENTAÇÃO

TRABALHO DE CULMINAÇÃO DE CURSO

Signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha

Candidato: Helena Celeste Rafael Tembe

Supervisora: Lucrecia Noronha

Maputo, Outubro de 2024

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

Trabalho de Culminação de Curso

Signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha

Relatório apresentado ao Curso de Teatro da Escola de Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Teatro

Candidato: Helena Celeste Rafael Tembe

Supervisora: Lucrecia Noronha

Maputo, Outubro de 2024

Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Teatro

Signos Teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha

Relatório apresentado ao Curso de Teatro da Escola de Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Teatro.

Candidato (a): Helena Celeste Rafael Tembe

JÚRI

Presidente: Dativo José

Escola de Comunicação e Artes

Supervisora: Lucrecia Noronha

Escola de Comunicação e Artes

Maputo, Outubro de 2024

ÍNDICE

Dedicatória.....	i
Agradecimentos	ii
INTRODUÇÃO	3
1.1. Delimitação espaço-temporal.....	3
1.2. Contexto.....	4
1.3. Justificativa	5
1.4. Problematização.....	6
1.5. Metodologia.....	7
1.6. Objectivos	7
1.6.1. Objectivo geral	7
1.6.2. Objectivos específicos	7
1.7. Questões de partida.....	7
REFERÊNCIAL TEÓRICO	8
2.1. Contexto histórico.....	8
2.2. Precursores.....	8
2.3. Pressupostos.....	8
2.4. Crítica à teoria.....	8
2.5. Aplicabilidade.....	9
2.6. Abordagem conceptual	9
2.7. Resultados esperados	11
PROCESSO DE CRIAÇÃO	12
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16
ANEXOS.....	17

Dedicatória

Aos meus pais, Rafael Tembe e Rosa Odete celeste Mambo.

Aos meus falecidos tios: Laurinda Mambo, Natália Mambo, Jorge Lucas Mambo, Meriamo Mambo e Telma da Conceição Mambo.

As minhas avós: Helena Tembe e Celeste Mutambe Mambo.

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus pela vida e por me guardar em todos momentos, é impressionante a forma como ele tem sido incrível comigo.

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram neste longo percurso, de forma direta e indireta, contribuindo para que este processo se tornasse realidade.

Os meus sinceros agradecimentos a professora Josefina Massango pela sua postura exigente pois ajudou a ultrapassar dúvidas e receio, admiro-a bastante como Mulher, atriz e docente. A todos professores que me acompanharam neste processo de formação, Dativo José, Maria Atália, Guilherme Mussane, Vitor Gonçalves, Horácio Guiamba, Angelina Chavango, Lucrecia Noronha, Reginaldo Gundane entre outros.

Aos meus colegas que aceitaram me acompanhar no processo de criação e realização, o Francisco Novunga e Mervânio Fazenda. Aos meus irmãos da companhia de artes Makwero que se deram tempo de ensaiar no início de tudo, meu muito obrigada Orlando Intimane e Jeff Maria, sem esquecer do músico que também contribuiu para a realização deste trabalho, o Moisés Mombira também estudante da ECA no curso de Música, a Ilda pelo suporte e companheirismo de sempre. Aos meus colegas da turma de 2019 pela família unida que me proporcionaram, foram momentos de muita nostalgia.

Agradeço imensamente ao meu grande amigo Hernani Roberts António Sive por ter me acompanhado desde o início e colaborado de forma significativa nos meus êxitos, com certeza o levarei para vida, a Gigliola Zacara pelos abraços e ensinamentos, por ter aberto as portas do seu grupo (Centro de recriação artística) para que eu pudesse aprender fazendo. Ao Ilustre João Mumgumbe por ter sido o responsável pelo encontro desse livro que me despertou um grande interesse e resgatou em mim o gosto pela leitura que a muito não saboreava, é desse tipo de pessoa que incentiva a leitura, que precisamos manter ao nosso lado.

E por fim meu especial agradecimento aos meus pais, em especial a minha mãe Rosa Odete Celeste Mambo, mulher da minha vida. Foi sem dúvida o pilar mais importante para dar seguimento a este sonho, sem esperar nada em troca apostou e ariscou o pouco que tinha para me ver feliz no que eu tanto buscava alcançar. Uma Mulher forte, de esperança que se permitiu acreditar em mim desde o início e se permitiu viver todas emoções deste lindo processo de formação (Típsalm 23), meu muito obrigada a todos vocês pelo seu apoio a nível intelectual e emocional.

INTRODUÇÃO

O presente relatório enquadra-se na ramificação de representação do curso de teatro da escola de comunicação e artes (ECA) da universidade Eduardo Mondlane. Este relatório tem como tema: Os signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha do moçambicano Dragão Bee Yoni. Uma busca pessoal que pretende demonstrar como a criatividade pode dar ao ator a capacidade de unir alguns dos vários signos em Regina a virgem prostituta da montanha, nomeadamente: Corpo, voz, texto, movimentos, cenário, adereços, luz, música e figurino.

No entanto, a deia deste relatório é de debater o significado dos signos para uma melhor análise de espetáculo e compreender mais a unificação destes signos dentro desse mesmo espetáculo, isto é, unificar o que já tenho como bases e dar mais ferramentas possíveis para o meu processo como atriz no que diz respeito ao corpo, voz, texto, movimentos, cenário, adereço, luz, música e figurino, afim de compor um espetáculo final. Para dizer que, pretendo unir ferramentas necessárias para potencializar mais a representação pois os signos caracterizam a importância ou o sentido dado a um determinado objeto em cena.

Portanto, eu como atriz tenho de ter a liberdade de criar algo que se aproxima da representação do cotidiano e ter em particular a necessidade de expressar livre e completamente, aperfeiçoando deste modo os meus próprios instrumentos de expressão, contudo, evito assim não tornar-me escravo das criações dos outros, a que saber ser e fazer activando assim a parte criativa e imaginária podendo desfrutar de uma sensação de liberdade que se calhar desconhecia e assim sentir-me rica interiormente.

Segundo Drecoux em a canoa de papel de Eugénio Barba é preciso que a ideia da coisa seja representada por uma outra coisa. Pra dizer que nós (atores) temos a criação e essa criação deve atingir outros níveis, isto é: é preciso diferenciar o cotidiano do extra cotidiano logo a que haver uma verdade cênica. Claramente que haverá várias tentativas, principalmente se há essa busca pelos signos, porém essa busca vai adquirir uma aparência onde vamos identificar a atmosfera, o ambiente, a caracterização, os diferentes ritmos, luz e também vai ajudar na percepção do espectador.

1.1.Delimitação espaço-temporal

Pretende-se realizar em Moçambique, concretamente na província e cidade de Maputo com o intuito de abranger a sociedade moçambicana. Enquadra-se no período contemporâneo pois

abriga qualquer tipo de performance e suas necessidades e também porque o meu objeto de pesquisa está em Maputo, visto que a maior parte dos grupos encontram-se aqui nesta província.

1.2.Contexto

É a busca constante em criar diversas maneiras de representar e identificar os diferentes estilos e géneros que o teatro moçambicano foi assumindo ao longo dos tempos. Tem-se notado ferramentas poderosas capazes de criar e recriar espetáculos com atores que participaram de diversos acontecimentos desde lá pra cá.

Então vai-se entender aqui a contribuição dessas vivências ao longo desse processo de renovação semiológica. Os signos vão consistir em unir as ações, sejam elas construídas pelo ator ou não e assim podem ser vistas conforme várias abordagens, e nenhuma delas seja suficiente para explicar todo o processo, contudo irá mostrar o seu lado mais interessante e no contexto actual o uso dos signos é de extrema importância, temos como exemplo o espetáculo “Chovem amores na rua do matador” do escritor moçambicano Mia Couto, adaptado por Vitor Gonçalves e Maria Clotilde e “Amarrada chuva de Kamutxukete” de Teodoro Wate, adaptado por Vitor Gonçalves e Maria Atália onde percebeu-se esse casamento dos signos, o figurino que nos transportou para uma determinada época, a luz, a música, o cenário e os adereços que também nos introduziram para dentro da história. Portanto diante deste tema procuro responder a importância que os signos possuem nos dias atuais, para os espetáculos enquanto estratégias de representação.

“a semiótica da arte ocupa um lugar importante na teoria geral, dos sistemas de signos” (LOTMAN, 2002, p.402), a semiótica da arte ocuparia aí dentro uma posição privilegiada, pois a ela estariam ligados os mais variados tipos de arte e seus respectivos problemas.

Os signos teatrais são todas as linguagens possíveis que constituem um todo em qualquer signo como fenómeno de produção de significação e sentido.

“O signo constitui a linguagem, é aquilo que sob certo aspecto ou modo representa algo ou alguém e pode ser entendido como alguns, coisa que está em lugar da outra, isto é, estar numa tal relação com o outro que para certos propósitos é considerado por alguns como se fosse esse outro” (PEIRCE, 2005, p.61).

1.3. Justificativa

Pretendo com este tema descarregar potencialidades acumuladas dentro de mim, e dar um novo olhar sobre a forma que vou submeter a trabalhar. Doutra lado é uma forma única de enxergar tudo a minha volta e me conectar com experiências reais, valorizando a vida e a busca constante de novos processos criativos dentro dos signos.

Regina a virgem prostituta da montanha é um romance do autor moçambicano Dragão Bee Yoni (José Bione Carquete) 1ª edição Maputo Moçambique em novembro de 2016, natural de Maputo licenciado e mestrado em relações internacionais. Suas obras abordam assuntos que enfermam a nação. Ele faz uma singela homenagem à todas as mulheres que sabem domar e apaziguar os corações vagabundos e violentos dos homens.

Em poucas palavras, a obra “*Virgem Prostituta da Montanha*”, é um romance que explora temas de identidade, cultura e desigualdade social aqui no país. E a mesma gira em torno de uma mulher que, apesar de ser uma virgem em uma sociedade que a marginaliza, ela é forçada a lidar com questões de exploração, sexualidade devido às circunstâncias da vida. A mesma (a obra) é conhecida por sua crítica social e pela forma como aborda questões de gênero e poder entre o homem e a mulher no seio da sociedade. Estamos diante de uma narrativa que mistura realismo mágico e crítica social. A história se passa em um ambiente rural lá no norte e gira em torno de uma mulher chamada Kani (Regina) que vive em uma montanha e é conhecida por sua pureza e beleza. Apesar de sua reputação de virgem ela é vista como sendo uma mulher perigosa que habita nas montanhas e de tanto ser desejada pelos homens, ela chega a ser odiada por outras mulheres que decidem abandonar aquelas terras. Regina se vê envolvida em situações que a forcem a lidar com a exploração sexual e a desigualdade de gênero, mesmo tendo recebido vários homens em sua casa ela nunca baixou a calcinha.

Regina e Franque são os personagens principais desse conflito, com uma relação complexa. Franque é um homem rico e várias influências, ao passo que, Regina é uma mulher que vive em condições precárias e enfrenta a vida com uma certa independência. A dinâmica entre eles vincula-se numa relação de poder (dominada e dominado). É uma representação de luta de classes sociais e o poder. Franque tenta manipular e explorar Regina, enquanto ela busca resistir e afirmar sua dignidade frente às dificuldades impostas por ele e pela sociedade. A obra explora as tensões entre poder e vulnerabilidade, e o impacto dessas dinâmicas na vida dos mesmos.

Não pretendi usar técnicas de autores como Jerzy Grotowski que tem um método mais carnal, para ele o ator precisa quebrar barreiras e o corpo precisa ter resistência naquilo que faz, enquanto que o francês Antonin Artaud defende o teatro da crueldade, ele é mais do surrealismo. Portanto me submeti as técnicas de Stanislavsk, ele busca mais o relaxamento, a verdade interior, ação no palco é uma entrega total na construção da personagem, atuar com amor no seu papel.

Regina veio como uma proposta desafiadora, ter de deixar de lado uma mulher tímida que sou e emprestar o corpo e a voz a uma mulher sedutora e dona de si. Ajudou me bastante a conhecer mais o meu lado atraente e o prazer que eu senti em estar por cima, de poder domar. Foi tão profundo a forma como me entreguei, o sabor de poder ser Regina, representar as mulheres de uma forma tão provocadora e sentir o desespero do homem em quer dominar, sendo que em nenhum momento ele teria chances.

À princípio tive alguma dificuldade em interiorizar a minha personagem, estava mais preocupada em decorar o texto, mas depois tive mesmo de sentar e fazer a carteira de identidade. Como também imaginar como eu ia me portar diante dessa mulher. Ela foi de grande importância naquilo que sou como uma mulher frágil, que por vezes sente-se violada só pelo olhar de um homem, a forma de falar e por um aperto de mão. As vezes o homem manifesta a sua vontade só com um aperto de mão, e eu por várias vezes passei por esse tipo de constrangimento, tanto que já não dava o aperto de mão a um homem. Curou me dá falta de autoestima elevada e aumentou a minha capacidade em dizer não quantas vezes for preciso, sem medo e receio.

Me deixou mais determinada, e com a certeza de que por mais banhas, cicatrizes a mulher possa ter, ela é atraente de qualquer jeito. Por mais nova ou velha que seja ela é sedutora, com curvas ou sem ela sempre vai ter o poder de atrair olhares e o mais importante saber que ela tem o poder de dizer não.”

1.4.Problematização

O ator deve estar em constante construção pra não correr o risco de ficar na mesmíssima, pois criar inventa leis e ritmos totalmente novos e o fazer individual, sempre individual a sua regra e só chega ao resultado conforme essas leis e fins.

- ✓ *De que forma os signos teatrais podem influenciar em Regina a virgem prostituta da montanha?*

1.5. Metodologia

Esta pesquisa é explicativa pois apresenta um esclarecimento sobre o que os signos representam a um ator. E o desenvolvimento do mesmo baseou se na utilização de autores como Stanislavski, Kownzan, Grotwosk, Pavis, Barba, Ingarden, Honzl , Bogatyrev, Lótman , Pierce entre outros.

1.6. Objectivos

1.6.1. Objectivo geral

- ✓ Apresentar um espetáculo do autor Dragão Bee Yoni “a virgem prostituta da montanha”, ao público em geral.

1.6.2. Objectivos específicos

- ✓ Identificar as diferentes formas que a personagem vai lidar com os signos;
- ✓ Compreender a interação dos signos, suas conexões e dinâmicas;
- ✓ Relacionar os signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha.

1.7. Questões de partida

- ✓ Como justificar os signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha?
- ✓ De que forma o personagem vai apresentar estes signos?

REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1.Contexto histórico

Nos anos 80 pouco havia se debruçado sobre os estudos semióticos do teatro, contudo já vinham sendo produzidos outros estudos semióticos como a literatura das artes plásticas e mesmo do cinema, mas acabou que o teatro não foi deixado de lado. Já nos anos 30 e 40 os teóricos do círculo linguístico de praga sob influência do estruturalismo de Ferdinand Saussure que é mencionado no dicionário do teatro e dos formalistas russos (1915-1925) se atreveram abordar estes assunto dos signos no teatro.

2.2.Precursores

Alguns pioneiros como Petr Bogatyrev autor do segundo ensaio intitulado “os signos no teatro” não provém do meio teatral, estavam mais ligados a literatura como também é o caso de Roman INGARDEN que em 1938- 1970 procura aplicar as suas teorias à arte dramática. Contudo o primeiro ensaio foi lançado em 1938, na publicação periódica do círculo linguístico de praga , Slovo a slovenost, valendo se dá ciência dos signos para compreender o espetáculo teatral como um todo, já em 1894-1953 Jindrich Honzl tcheco de nascimento foi o fundador do “ Teatro liberado” em 1948 e titular da cadeira de Estudos teatrais da universidade de praga e admite a capacidade de metamorfose dos elementos do espetáculo, a sua transformabilidade que torna a arte teatral tão complexa quanto fascinante. E temos o signo no teatro do autor polaco Tadeusz Kowzan nascido em 1922 que busca caracterizar a expressão teatral como um sistema de signos.

2.3.Pressupostos

Joly 1996, p.32 afirma que um signo tem a materialidade que pode ser percebida por um ou vários de nossos sentidos. É possível vê-lo (um objeto, uma cor ou um gesto); ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído); sentido (vários odores: perfume, fumaça) toca- lo ou ainda saboreá-lo. É essa coisa que se percebe e está no lugar da outra, essa particularidade essencial do signo: estar ali presente para designar ou significar outra coisa, ausente, concreta ou abstracta.

2.4.Crítica à teoria

Autores como Jerzy Grotwosk um importante director teatral da metade do séc. XX defendia que o teatro é aqui e agora, tem de haver uma relação entre o ator e o espectador, e que o teatro pode existir sem maquilhagem, figurino, adereços, iluminação etc. A isso ele chamou de teatro

pobre, pois propôs uma via negativa, tirar os elementos supérfluos até que não haja nada por tirar, neste caso os signos teatrais. Ele vai mais longe quando afirma que: “O teatro tem que reconhecer as suas próprias limitações, não pode ser rico do que o cinema, então deixemo-lo que seja pobre”.

Porém T.Kowzan admite a necessidade da semiologia teatral, onde nas suas palavras “tudo é signo” sejam elas visíveis, auditivos ou linguísticos, considerando que todos estes podem ser usados na representação. O autor aponta também para a contribuição que a investigação semiologica da arte do espetáculo por ser essa tão rica de elementos e formas, poderá prestar a uma ciência geral dos signos.

2.5.Aplicabilidade

Regina a virgem prostituta da montanha vai carregar um significado de sensações e sentidos capaz de representar uma determinada linguagem, corpo, voz, cenário, figurino, adereços, música texto e movimentos, que vão transmitir as diferentes experiências ao espectador. Está teoria se aplica em Stanislavski no seu livro “A preparação do ator” capítulo VIII que fala sobre fé e sentimento de verdade, isto é dar seriedade a personagem.

Tortsov conclui que há dois tipos de verdade e sentimento de crença naquilo que se está fazendo e o segundo: há um tipo cénico que é igualmente verdadeiro, mas que tem origem no plano de ficção imaginativa, pois tudo que acontece no palco deve ser convincente para o ator, para os seus associados e para o espectador.

Cada momento deve estar saturado de crença na veracidade da emoção sentida e na ação executada pelo ator. E vamos dar uma olhada no capítulo X em a “Perspectiva na construção da personagem” do livro a construção da personagem do mesmo autor que referi acima que afirma não pode haver atuação, movimento, gesto, pensamento etc., sem sua devida perspectiva e que tudo tem de ter um propósito final. Sendo assim a personagem Regina vai buscar transmitir esses sentimentos e emoções tanto no seu interior como no exterior na perspectiva da construção do ator em mostrar esse conjunto de signos durante o espetáculo.

2.6.Abordagem conceptual

No âmbito de uma semiologia teatral de inspiração saussuriana, define-se o signo teatral como a união de um significante e um significado, mais ou menos restritivamente como a “menor unidade portadora de sentido proveniente de uma combinação de elementos do significado”

(JOHANSEN e LARSEN, in HELBO et Al. 1987), sendo esta combinação a significação do signo.

A transposição do signo linguístico (definido por SAUSSURE como aquilo que “une uma coisa e um nome mas um conceito e uma imagem acústica” 1915) não deixa de colocar sérios problemas em relação à representação teatral e ao texto dramático. No teatro, o plano significante (da expressão) é constituído por materiais cénicos (um objeto, uma cor, uma mímica, um movimento, etc), ao passo que um plano do significado é o conceito, a representação ou a significação que vinculamos ao significante, estando entendido que o significante varia em suas dimensões, natureza composição.

Para a semiologia saussuriana, significante e significado (ou se preferirem, plano dos sistemas significantes e plano dos significados ou demais) bastam, unindo se para formar a significação, sem que seja necessário recorrer ao referente, o objetivo existente ou imaginário, ao qual o signo remete na realidade. Para os signos cénicos, sempre há uma certa motivação entre significante e significado, muito simplesmente porque o referente do signo dá ilusão de confundir se com o significante, de modo que se compara muito naturalmente signo e mundo exterior, o teatro passando mesmo a ser, em certas estéticas a arte da mimese* certas semióticas (as de OGDEN e RICHARD, 1923, ou de PIERCE, 1978, por exemplo) interessam se pela relação do signo com o referente e propõem uma tipologia dos signos conforme a natureza desta relação (motividade pelo ícone* arbitrário para o símbolo* de contiguidade espacial para o índice). A realidade cénica não é o referente atualizado do texto dramático. O palco e a encenação não estão na verdade encarregados de receber e de figurar um referente textual. Aliás, não se poderia “mostrar um referente “e, sim no máximo um significante, o qual se dá como ilusão de referente, isto é, como referente imaginário.

A Ilusão referencial (também chamado as vezes de efeito real) e5 a ilusão de que enxergamos o referente do signo, ao passo que só temos, na verdade, seu significante, do qual só aprendemos o sentido através de seu significado. Portanto é abusivo falar de “signo teatral” cujo referente seria atualizado em cena. Na verdade, o espectador é apenas a vítima (que consente em sê- ló) de uma ilusão referencial; ele acredita ver Hamlet, sua coroa, sua loucura, ao passo que só enxerga , na verdade o ator , seu acessório e a simulação da loucura.

O teatro, pelo menos em sua tradução mimética (representacional), poderia definir se não só como uma colocação em signo da realidade, mas como uma realidade cénica que o espectador

transforma sem cessar em signo de alguma coisa (processo de semiótica) poderíamos inverter aqui a fórmula de Anne UBERSFELD que lhe serve para definir semiologicamente o teatro: “um referente (um real) que “ produz signo” (Travail Théâtral, n. 31, 1978: 121) “e dizer que, inversamente o teatro é também um signo que produz real (processo de dessemiotização). Aliás, parece que é esta mesma preposição que chega a UBERSFELD quando precisa que “o signo teatral concreto [é] ao mesmo tempo signo e referente” (1978, 123).

Por outro lado, esta busca do signo mínimo às vezes impede observar a interação dos diferentes sistemas de signos e estudar suas conexões e sua dinâmica. Teria sido muito mais frutífera, para a análise do espetáculo, observar a convergência ou a divergência das redes de signos, ou sistemas significantes, e salientar o papel do produtor e espectador no estabelecimento das redes e de sua dinâmica (Pavis, 1985e, 1996a). Nenhum signo da representação pode ser entendido fora da rede dos outros signos. Esta rede está em perpétua elaboração, em particular quanto à hierarquia dos sistemas cênicos: ora o texto dramático domina e comanda os outros sistemas, ora determinado signo visual está no centro da comunicação (focalização).

2.7. Resultados esperados

- ✓ Apresentado o espetáculo do autor Dragão Bee Yoni - a virgem prostituta da montanha ao público em geral.
- ✓ Identificado as diferentes formas que a personagem vai lidar com os signos teatrais.
- ✓ Compreendido a interação dos diferentes signos, suas conexões e dinâmicas;
- ✓ Apresentado a relação dos signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Quanto ao processo de criação, não foi um processo fácil na escolha do tema, teve sim algumas mudanças até me firmar nesse. Foi em outubro de 2023 que iniciamos com os encontros presenciais e até então havia dúvidas sobre a escolha do tema. Já chamei de a “simbiose e os signos teatrais em a vingança da prostituta” “A simbiose e os signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha” até quis me meter no teatro infantil.

Mas o que é isso de Simbiose? Perguntava a professora Josefina. Obviamente que a minha explicação não foi satisfatória e propôs para que eu fosse repensar no tema a apresentar e ficou “Signos teatrais em Regina a virgem prostituta da montanha” livro do autor Moçambicano Dragão Bee Yone.

Este livro fala de uma mulher atraente que vivia nas montanhas isolada de tudo e de todos. As mulheres a invejavam e os homens queriam tanto provar o seu mel. Porém ela foi infeliz e acabará por suicidar-se, pois os homens que ela amou acabavam morrendo quando tentassem dormir com ela. Triste por não conseguir ficar com os homens que ela desejava formar família, lançou se de uma montanha e perderá a vida virgem. Portanto eu peguei na história deste livro e fiz adaptação do texto, tendo como personagem central a Regina que é a reencarnação de Elisabete a virgem prostituta da montanha.

No dia 02 de Novembro de 2023, numa quarta-feira demos o arranque principal, a professora Josefina Massango deu aulas de como elaborar um TCC, como também ouviu e deu dicas a cada estudante presente, sem esquecer a forma como o trabalho devia estar organizado.

Tratava-se da 4 fase, por conseguinte deu uma semana para melhorar o que não estava bom e entregar ao longo da semana a seguir para a discussão na quinta feira do dia 09 entrando assim na 5 fase que por sinal era a última para que de seguida entrássemos na prática.

Claramente que ainda haviam coisas por melhorar, mas já era a dada altura de se pensar no trabalho prático. Portanto no dia 16 de novembro de 2023, demos início ao trabalho prático, 8h começava o processo sob direção da professora Josefina Massango e auxílio da Maria Clotilde encarregada de nós acompanhar na criação das peças. Fizemos aquecimento e depois tive de fazer um resumo a falar da minha personagem Regina a virgem prostituta da montanha, a princípio tive dificuldades de explicar (nervosismo) enfim, era preciso deixar a Maria Clotilde dentro da história.

O encontro terminou por aí 12:56, mas antes impôs-se que os ensaios seriam todos os dias das 9h às 14h e possivelmente nos finais de semana pois só tínhamos 20 dias para ter o resultado final, para dizer que apresentação ficou marcada para dia 13 de Dezembro do mesmo ano.

Na manhã seguinte do dia 17, tive um imprevisto. Na verdade é um dilema que não afeta só a mim, mas a todos que usam a via do estádio, 2M para chegar a cidade. Se der 6:30 ainda no estádio da Machava é motivo de se preocupar. Contundo 8:42 estava eu a correr para a papelaria do campus afim de imprimir o texto, pois a Maria Clotilde havia pedido no dia anterior. Feito isso apressei-me a ECA, e estavam lá todos os estudantes do primeiro ano querendo usar a sala sem saber eu que a Maria já se encontrava numa das salas de cima, vestia uma pontualidade impecável. Fiquei no mini teatro com os outros colegas até que o Eugénio foi chamar nos. A Maria encontrava-se chateada pois já havia se passado a hora combinada e a maioria dos colegas não estavam lá presentes, inclusive os meus convidados, neste caso o Orlando e o Jeff. Entreguei o texto para ela e pus-me no meu lugar.

Assim que chegaram os colegas, pedi-nos que ficássemos em círculo e mostrou-nos o seu descontentamento pelo atraso exagerado, e aí aproveitei informar que chamei os meninos do makwero para dar suporte a minha peça visto que a maior parte dos colegas estavam ocupados com as produções. Então, demos seguimento ao nosso propósito, disse-me para colocar a cadeira no centro da sala e me sentasse, era mesmo para ler o texto e ir explicando as ações. Infelizmente ela teve de sair às pressas pois a sua irmã precisava dela e pediu-me para dar continuidade visto que já estava num nível mais avançado. Chegaram o Orlando e Jeff com o batuque e seguimos para um lugar mais reservado para juntos criarmos situações, não tivemos muito avanço mais deu para criar a primeira cena. Tive de disponibilizar dinheiro de chapa para a semana e lanche para eles, tive dificuldades mas dei jeito.

Bom, na segunda-feira do dia 20 foi daqueles dias de produção. A Maria demorou a chegar, mas o Orlando e o Jeff chegaram pontualmente a ECA e daí nos pusemos a trabalhar e quando a Maria chegou pediu ver o que já tínhamos. Não foi satisfatório e voltou a nos dar mais 10 min para debater sobre quem era o Frenque personagem que atribuí ao Orlando e que relação ele tinha com a Regina, qual era o conflito?

O Frenque era um viajante, dos seus 28 anos, que nunca se esqueceu da Bela Elisabete e decidiu voltar às montanhas para achá-la e provar do seu mel que a muito tentou saborear e não

conseguiu. Porém encontra Regina que o atrai para sua casa justamente nas montanhas, sem imaginar o que haveria de encontrar lá, pois ele achou que seria fácil baixar a sua calcinha.

Feito isso, voltamos a sala e expliquei o que havíamos debatido. Então propôs nos a refazer a 1ª cena e eu com a minha insegurança falei que seria a mesma apresentada no início, e ela refutou dizendo que não, que com todas as dicas e tudo que falamos não seria a mesma cena e realmente foi o que aconteceu quando me levantei. Pedi os colegas presentes para que fizessem uma simulação de passagem, o que não acontecia antes. Fizemos várias repetições pois ainda tínhamos muito que melhorar e como TPC construir a segunda cena para o dia seguinte.

Os meninos eram pontuais, porém já se mostravam indisponíveis por conta dos seus afazeres particulares, mas contudo eles se mostravam com feeling para juntos fazermos este trabalho.

Portanto os passos foram crescendo e já era visível o trabalho, já tínhamos alguma coisa, mas infelizmente já não tinha o Jeff com o batuque e no seu lugar tocava o Moises Mombira estudante de Música da Eca. E dia 28 de Novembro de 2023 foi o dia escolhido pela professora Josefina Massango para ver o trabalho completo, chegou cedo e esperou a hora exacta. Ela havia feito uma sequência, porém não se seguiu porque os outros não estavam completos, então demos início a minha apresentação. Terminados, a professora deu o seu parecer no que devia melhorar especificamente: segurança no texto, ritmo, caminhadas desnecessárias etc., e propôs que o colega Francisco Novunga fizesse o papel do Frenque pois era o mais adequado e assim foi. Conversei com o Orlando e expliquei-lhe o ponto de vista da professora, ele entendeu e agradeceu pelo convite e que foi bom porque já estava a ficar muito apertado com os seus afazeres particulares. Informei o Professor Dativo e a Maria Clotilde sobre a substituição e como não tínhamos mais tempo, passei o texto para o Francisco e começamos a trabalhar, pedi também ao colega Mervânio Fazenda para fazer o papel do velho ancião e ele aceitou e assim foi.

Na manhã seguinte do dia 30, o Orlando se fez presente para ajudar o Francisco com que já tínhamos feito, embora este tenha demorado chegar e quando chegou a Maria pediu nos para que arranjássemos outro lugar para ensaiar nos e que depois ela veria.

Depois disso, passamos a ensaiar definitivamente no mini teatro, já tinhamos o espetáculo montado, os adereços definidos, o Francisco e eu contribuirmos para comprar as peças íntimas da Regina (calcinhas) e ajudar com o custo de transporte ao músico e o colega Mervânio.

Claro que os dias não eram iguais. Há dias que até dava sono pois não tinha ritmo, há dias que saía tão bem e dizíamos “se fosse hoje o dia do espetáculo como seria bom”, por vezes o feeling não era o mesmo mas estávamos cientes de que tínhamos de dar o nosso máximo para fazer o melhor espetáculo.

O sexo da Regina estava no lugar tão secreto e de difícil acesso, que mesmo o Frenque ter conseguido tirar a sua calcinha não conseguiu perfurar pois se viu no meio de tantas calcinhas e nunca chegava a penetrar. Mas Regina encontrava se simples, de uma sainha vermelha e buluzinha preta, trazia nos pés sandálias. A sua mãe Elisabete já havia lhe falado sobre o Frenque e ela o esperava ansiosamente para lhe mostrar que nenhuma mulher baixa a calcinha assim gratuitamente e que todo homem tem uma puta escondida no seu coração.

Eis que finalmente chegou o grande dia da apresentação, 13 de Dezembro de 2023 na Eca marcado para 18h. O cartaz já circulava e era lógico que haveria público, desde familiares e colegas, até o guarda não quis perder pois via nos todos dias a ensaiar. Chegamos cedo como o de costume, fizemos o ensaio e depois ajustamos o que dava jeito. Paramos para comer alguma coisa e relaxar até uma certa hora, feito isso retornamos a sala e colocamos tudo no seu respectivo lugar, mas antes fizemos uma italiana e tal e por fim portas abertas e começa o espetáculo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro: tradução para a língua portuguesa sob direção de J. e Maria Lúcia Pereira*. 3 ed- são Paulo: perspectiva, 2008.

KOWNZAN, T. *O signo no teatro: introdução à semiologia da arte do espetáculo*. Semiologia do teatro, 1988.

GROTWOSK, Jerzy. teatro laboratório

Nascimento, Rodrigo Alves do, *A semiótica do teatro segundo Iuri Lótman*, 2019.

Melo, Desirée e Veni Padchoal . *Uma introdução a semiótica perceana*. texto de apoio didático.

INGARDEN, Roman, BGARTYRCY, Petr, HONZL, Jindrich e KOWZAN, Tadeusz. *O signo teatral: a semiologia aplicada e arte dramática*. Porto Alegre: Globo, 1977. Traduzido coleção teoria e crítica (p. 62-76).

Barba, Eugênio. *Tratado da antropologia teatral. Humanismo , ciência , Tecnologia*. são Paulo, 1994.

QUEIROZ, João. *Sobre a forma do signo e da semiose , segundo Peirce*. São Paulo, 2010.

Bacha, Maria de Lourdes. *A teoria de investigação de c.s Peirce*. Puc- SP, 1992.

STANISLAVSKI, Constantin: *a preparação do ator*. Tradução de pontes de Paula Lima, 29• edição, Rio de Janeiro, 2012.

STANISLAVSKI, Constantin: *a construção da personagem*. Introdução de Joshua Logan . Tradução de Pontes de Paula Lima, 26• edição, Rio de Janeiro, 2016.

ANEXOS

Fotos tiradas por um convidado no dia da Apresentação











